

Enquadramentos sociossemióticos em notícias sobre enchentes: a construção de vínculos com o receptor¹

Jane Márcia Mazzarino

Doutora; Centro Universitário Univates;
janemazzarino@gmail.com

Vinícius dos Santos Flôres

Graduando; Centro Universitário Univates;
vinidsf@gmail.com

Resumo: O objetivo geral do artigo é analisar as práticas do campo jornalístico, identificando marcas de inclusão do receptor nas ofertas de notícias, tomando-se como objeto de estudo a cobertura dada às enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em 22 de julho de 2011. Para isso, comparam-se conteúdos jornalísticos. A amostra foi composta por notícias publicadas nos diários estaduais, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, e em dois jornais que circulam na região do Vale do Taquari, *O Informativo do Vale* e *A Hora do Vale*. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. O tratamento de dados foi realizado por meio da análise de discurso da vertente sociossemiótica. O processo de coleta e análise dos dados ocorreu entre 2011 e 2012.

Palavras-chave: Jornalismo ambiental. Enchentes. Jornais impressos. Sociossemiótica.

1 Introdução

O objetivo geral do artigo é analisar as práticas do campo jornalístico, identificando marcas de inclusão do receptor nas ofertas de notícias, tomando-se como objeto de estudo a cobertura dada às enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em 22 de julho de 2011. Para isso, comparam-se os discursos jornalísticos publicados nos diários estaduais, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, e em dois jornais que circulam na região do Vale do Taquari, *O Informativo do Vale* e *A Hora do Vale*. O estudo foi motivado pela observação dos autores, publicada em trabalhos científicos anteriores, sobre a ênfase que estes veículos deram a acontecimentos catastróficos na abordagem do tema recursos hídricos (MAZZARINO; FLÔRES, 2012). Assim,

buscou-se, por meio deste recorte, aprofundar a compreensão do processo de midiaticização por meio da abordagem discursiva.

A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. O tratamento de dados foi realizado por meio da análise de discurso da vertente sociosemiótica. Segundo Verón (2004, p. 159) “uma superfície discursiva é uma rede de relações assumidas por marcas. Essas marcas são descritas como traços de operações discursivas [...]”, os quais podem ser analisados enquanto pacotes de marcas linguísticas, que constituem unidades significantes não-homogêneas, como é o caso do texto jornalístico acompanhado por imagens.

Na análise dos discursos jornalísticos sobre os temas ambientais procuram-se traços, operações, marcas, relações e posições assumidas pelos produtores de sentido que trabalham para ofertá-los a partir de processos de midiaticização, o que possibilitou identificar desvios e diferenças entre diferentes abordagens dos veículos. A abordagem comparativa, é “[...] o princípio de base da análise dos discursos” (VERÓN, 2004, p. 62). Tomando esta premissa como base, comparam-se o foco das manchetes, o uso de imagens e legendas, fontes e o enquadramento geral da notícia. Deste modo verificou-se de que forma o receptor foi incluído na notícia como parte do acontecimento.

2 Enquadramentos sociosemióticos

Quando o campo midiático assume um papel central no mundo globalizado, um lugar de atravessamento de discursos oriundos de outros campos, torna-se relevante compreender a construção social que se faz da temática ambiental e como a sociedade é agendada. Os acontecimentos que serão transformados em notícia são selecionados via critérios de notícia (*gatekeeper*) e enquadrados (*framing*) para participar da agenda (*agenda-setting*) ofertada diariamente pelo campo jornalístico para a sociedade. Os temas que participam da agenda do campo jornalístico tendem a ser vistos como relevantes pelos receptores, os quais muitas vezes não têm outras fontes de informação, especialmente em se tratando de acontecimentos pouco próximos, caso dos nacionais e globais. Assim, os temas selecionados e os modos de

enquadramento agendam a discussão pública e os pontos de vista sociais.

Como todo discurso, o midiático é intencional, relacional, sedutor. Busca capturar os sentidos do receptor (mesmo que sem garantias) e criar sentidos de verdade para a realidade. Como dispositivo essencial da discursividade nas sociedades modernas, o campo midiático garante uma mediação social generalizada, de todos os campos sociais entre si. Para Esteves (2003a, 2003b), a estreita relação entre opinião pública e campo midiático resulta em mutações estruturais nas sociedades modernas, que conferem importância extraordinária aos processos simbólicos de mediação social. Esta relação é atravessada por contradições próprias da mídia, que repercutem na opinião pública.

Devido à consolidação da legitimidade do campo midiático, reconhecido em sua competência para selecionar e distribuir informação em escala ampla no tecido social, ele se oferece, contemporaneamente, como lugar para um novo tipo de reflexão sobre os sujeitos e suas formas de organização (RODRIGUES, 1994).

Os acontecimentos são tornados significativos pela mídia quando inseridos num contexto social que os enquadrem em significados familiares ao público, o que constitui um processo de identificação e de contextualização. Tornar um acontecimento inteligível para o público é enquadrá-lo em mapas socioculturais compartilhados, o que se refere a um processo sociossemiótico de produção. O processo de significação pressupõe consensos socioculturais, ou seja, partilhas simbólicas. Para Hall, o campo midiático está entre as instituições cujas práticas são de forma mais ampla baseadas no consenso.

[...] um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais [...]. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais mapas culturais do mundo social, não poderiam dar sentido aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é noticiável [...]. As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo da desordem – devem ser trazidos aos horizontes do significativo.[...] O processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um ‘consenso’. Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes [...]. (HALL et al., 1999, p. 224).

Ao interpretar um acontecimento e enquadrá-lo via valores-notícia em um produto do campo jornalístico, o profissional o faz a partir de consensos socioculturais da vida cotidiana. Utiliza-se de explicações, imagens e discursos que se articulam com o saber da sociedade. Assim, os meios de comunicação desempenham um papel importante na reprodução das ideologias, quando se apropriam ativamente dos discursos das fontes, transformando-os, enquadrando-os (HALL et al., 1999).

Traquina (2000), ao retomar autores que trabalham com o conceito de enquadramento, explica que esse é aplicado por Erving Goffman à forma como se organiza a vida cotidiana para que se compreenda e responda às situações sociais. Quando aplicado ao estudo das notícias refere-se a um dispositivo interpretativo, que estabelece os princípios de seleção e ênfase na elaboração da notícia, na construção da “estória”. Para Gitlin (1980), os enquadramentos midiáticos são padrões de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, que persistem e através dos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente os discursos verbais e visuais. Os enquadramentos são implícitos, estão “naturalizados”. Segundo Gamson e Modigliani (1989), os enquadramentos são transmitidos por cinco dispositivos: as metáforas, os exemplos históricos, as citações curtas, as descrições e as imagens (filme, fotografia, caricaturas). Conforme estes autores, para identificar um enquadramento, o conteúdo informativo é menos importante que o comentário interpretativo que o rodeia, presente nas metáforas, chavões e outros dispositivos simbólicos que constituem uma forma rápida de sugerir a narrativa subjacente. Estes dispositivos fornecem a ponte retórica pela qual se estabelece um contexto e uma relação entre vários pedaços de informação. O poder do jornalismo reside principalmente na forma como “enquadra” as situações, construindo as “estórias” cotidianas (GAMSON; MODIGLIANI, 1989 apud TRAQUINA, 2000, p.29).

A partir destes pressupostos, busca-se compreender de que modo os jornais *Zero Hora*, *Correio do Povo*, *O Informativo do Vale* e *A Hora do Vale* se utilizam dos elementos constitutivos das notícias para enquadrar o tema das enchentes e, ainda, quais marcas possibilitam identificar a presença do receptor no

acontecimento.

3 Descrição do espaço destinado à cobertura da enchente

As análises dos jornais são apresentadas neste capítulo a partir de uma descrição da cobertura das enchentes em cada veículo, para depois se abordar o uso de imagens e legendas, fontes, manchetes, locais escolhidos pra construir o relato, enquadramento e inclusão do receptor como parte do acontecimento. A descrição inicia pelos jornais estaduais, em seguida apresentam-se as análises dos regionais.

3.1 Zero Hora

O veículo destina três páginas para o acontecimento (4, 5 e 6), reunidas em uma Reportagem Especial. A matéria principal “O Drama se alastra: Rios devem subir e agravar a enchente” (Figura 1) foca o número de desabrigados (dez mil) e afetados (51 mil), apontando para a perspectiva de piora do quadro com mais águas chegando aos vales, provenientes das partes altas do Estado. Há, ainda, informações das diferentes regiões do Estado atingidas pelas enchentes (vales e área metropolitana) e o relato de uma moradora. A diagramação explora espaços em branco e notas curtas sobre afetados, desalojados e desabrigados; previsão meteorológica e dados de uma crônica da enchente anterior.

Figura 1 - Página 4 de Zero Hora, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: Zero Hora

Na página seguinte, um infográfico representa o nível da água dos principais rios e municípios afetados, identificando o momento de alerta. Outro infográfico realiza um “mapa da chuva” apontando o volume no mês de julho nas diferentes regiões do Estado. Há ainda uma matéria “Morte e estrago no rastro da chuva”, que dá continuidade ao relato da página anterior sobre acontecimentos considerados mais marcantes nos diferentes municípios atingidos, sem um padrão entre os relatos. Na terceira e última página o título da matéria principal é “O drama dos flagelados”. Novamente a palavra drama surge. A matéria ressalta em sua primeira linha: “As enchentes espalharam dramas pelo Estado ontem”. O relato mescla as histórias dos

flagelados com informações sobre nível do rio, situação dos municípios e decisões tomadas. Uma delas refere-se às rodovias e dá o título da última matéria: “Chuva bloqueia 15 vias”. Esta matéria é acompanhada por um box sobre as 15 estradas afetadas e se o bloqueio em cada uma é total ou parcial.

3.2 *Correio do Povo*

O tema está distribuído em oito páginas (16 a 23), perpassando três editorias: Rural (uma página), Cidades (cinco páginas) e Geral (duas páginas). Na página 16 (Rural) a matéria “Chuva alaga pomares e prejudica lavouras” foca os reflexos da enchente na produção de hortifrutigranjeiros.

Na página 17 (Cidades) há cinco matérias, sendo três notas: “Chuva forte no Alto Uruguai” informa o volume das chuvas. “Montenegro articula ações” é sobre estratégias da Defesa Civil e do poder público para remoção de famílias. “Gramado registra novos deslizamentos” trata da situação dos bairros daquele município. As matérias maiores são intituladas “Em SC, região serrana é atingida”, que trata de casas danificadas, ventos e volume de chuvas. E a matéria principal intitulada “Chuvas desalojam no Paranhama. Parte dos municípios da região já declararam situação de emergência. Mais de 500 famílias foram desalojadas em Igrejinha” informa sobre a remoção de famílias em cinco municípios atingidos pelo Rio Paranhama.

Na página 18 há três matérias. A principal “Invasão das águas no Vale do Rio Caí. Nível do Rio chegou a 14,7 metros nessa quinta-feira” (Figura 2) salienta o número de moradores atingidos, desalojados e em abrigos. A outra matéria “Santa Tereza. Moradores deixam áreas de risco” é abordada a remoção de famílias no município e áreas atingidas. A terceira matéria tem como manchete “Santo Augusto. Trabalhador rural morreu afogado” e relata o fato sob a ótica do patrão.

Na página 19 há duas matérias. “Rio Taquari em 26,45m. Cheia já desabriga 951 famílias na região” foca o volume das águas, número de desabrigados, a assistência dada a eles e os lugares atingidos. A segunda matéria “Itá SC. Usinas não retém excesso de água” trata da abertura de comportas nas três maiores barragens da região norte de Santa Catarina.

Na página 20 há quatro matérias, sendo duas notas. A primeira “Curiosos atrapalham trânsito na BR 116” informa que motoristas param ou andam lentamente para observar invasão da água que está próxima da estrada. A segunda nota “Barro e pedras deixam famílias em perigo” refere-se a deslizamentos e residências interditadas. A matéria principal “Alerta é reforçado no Vale dos Sinos. Defesa Civil está de prontidão em NH e SL” trata do preparo da Defesa Civil de Novo Hamburgo e São Leopoldo para socorrer famílias diante do crescente volume das águas. A segunda matéria “Passo Fundo. Interditadas quatro moradias” informa sobre a remoção de famílias em casas com risco de desabamento e o volume das águas.

Figura 2 - Página 18 de *Correio do Povo*, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: *Correio do Povo*

Na página 21 há duas notas e uma matéria principal. A primeira “Em Campo Bom, rio subia 2cm por hora” conta que o aumento do volume das águas era informado à população por meio de carro de som. A segunda nota “Rio Várzea sobe e atinge 9m” informa sobre a ponte que foi interditada devido à situação. A matéria principal “Porto Mauá. Afluente do Uruguai invade estradas. Município da região Nordeste se prepara para a terceira cheia do ano” informa o nível de água, que há pontes submersas e a suspensão da travessia por balsa.

Na página 22 (Geral) há três notas e três matérias. A primeira nota “Tempo melhora hoje” foca a situação no Estado. A segunda “Chuva supera média” é sobre o volume de chuva em Porto Alegre e áreas atingidas. A outra “Faltou luz em vários pontos do RS” informa sobre a falta de energia, principalmente, no Vale do Caí. A primeira matéria “Ainda há risco de cheias no Estado. Segundo Metsul, afluentes do Guaíba terão elevação no fim de semana” salienta a situação dos rios que desaguam no Guaíba e a possibilidade de aumento das suas águas, causando cheia. A segunda matéria “Bairros ficam alagados em Canoas” informa sobre a situação de alguns locais do município e as ações da prefeitura e da Defesa Civil.

Na página 23 há uma matéria e uma nota. A nota “Emergência em 3 cidades” informa sobre decretos de situação de emergência e a possibilidade de outros municípios chegarem a esta situação. A matéria “Chuva afeta as rodovias. Ao menos 18 estradas ficaram prejudicadas” informa sobre a situação e os cuidados necessários por parte dos motoristas.

3.3 O Informativo do Vale

As matérias estão articuladas como Especial e ocupam sete páginas do jornal, incluindo três chamadas de capa. “Enchente castiga o Vale”, matéria de capa (Figura 3), foca a remoção das 1,2 mil famílias em situação de risco. “Encantado é o município mais atingido, com 450 famílias” informa que o município é o mais afetado do Estado. “Cheia foi a segunda maior do século. Rio Taquari chegou a 26,85m” ressalta o nível do rio. Na capa há ainda uma chamada informando “Leitores registram flagrantes da inundaçãõ”, que remete para a cobertura entre as

páginas 11 e 20.

Na página 11 “Mais de 1,2 mil famílias desabrigadas no Vale” ressalta que o acontecimento figura como a segunda maior cheia deste século e que Encantado e Lajeado decretaram situação de emergência. As informações repetem o que a capa já anunciara, além de relatar o número de atingidos em diferentes municípios e previsões meteorológicas. “Água invadiu rodovias” trata das rodovias da região atingidas e medidas de desobstrução para transporte dos moradores. Em um box é informado o número de moradores atingidos em dez municípios da região. Outro quadro informa sobre a elevação do nível do rio de 2001 a 2011. “Fornecimento de energia” foca a interrupção da energia para evitar riscos em municípios afetados pelas cheias.

Figura 3 - Capa do jornal *O Informativo do Vale*, no dia 22 jul. 2011.

O INFORMATIVO DO VALE
O INFORMATIVO DO VALE - FUNDADO EM 8 DE MAIO DE 1978 POR OSWALDO CARLOS VAN LEEUWEN

BERTOZZI
BOTAS MASC. R\$
62,00

Enchente castiga o Vale
O Vale amanheceu, ontem, com muito trabalho a fazer: retirar famílias que tiveram suas casas invadidas pela água do Rio Taquari. Foram mais de 1,2 mil residências atingidas em diferentes pontos da região.

Encantado é o município mais atingido, com 450 famílias
Encantado chegou a estar entre os mais atingidos do Estado durante o dia.

Cheia foi a segunda maior do século. Rio Taquari chegou a 26,85 metros
Às 22h30min de ontem, o nível do rio estabilizou-se em 26,85 metros, de acordo com a Portobras.

Leitores registram flagrantes da inundação
Página 11 a 20

Tranquilidade é uma questão de escolha.

Wallerius
SEGUROS
walleriusseguros.com.br
011.3720.1522

LIQUIDA
TUDO e TODA LOJA
PREÇO A VISTA
em **10x**
S/ JUROS
S/ ENTR.
30% desc.
dullius

Fonte: *O Informativo do Vale*

Na página 12 “Encantado. Cidade mais atingida” informa que o município decretou situação de emergência, com 1,7 mil desabrigados ou 450 famílias. O relato inicia com o ponto de vista do repórter sobre a situação, traz relatório do Executivo sobre atingidos, providências e a história de um morador. A matéria jornalística finaliza referindo-se ao leitor, estimula-o a fazer doações e indica como proceder. “Rio Taquari desabriga 200 famílias em Muçum” foca o relato do Executivo sobre a situação: desabrigados, bairros atingidos, nível do rio, problemas de trânsito, remoção de atingidos, desmoronamentos, comércio fechado, limpeza das ruas, etc.

Na página 14 “Arroio do Meio. 300 famílias desabrigadas. Cidade foi a segunda mais atingida” inicia com o relato da Defesa Civil sobre desabrigados, municípios mais atingidos e problemas de trânsito. Informa sobre o trabalho de um voluntário e traz o relato de uma moradora atingida. A partir do relato geral das cidades mais atingidas, o veículo cria boxes para cada um dos municípios com informações semelhantes, os quais se estendem pelas páginas 14, 18, 19 e 20. Estas páginas têm como cartola “A cheia pelo Vale” e o conteúdo refere-se a um relatório geral da situação, feita principalmente pelo Executivo, com informações sobre nível do rio, desabrigados, remoção de famílias, pontos afetados. Além disso, alguns incluem outros elementos: situação do comércio, prejuízos, medidas tomadas, situação das estradas e dos rios, comparações com enchentes anteriores e algum fato curioso ou relato de moradores. Cada box tem como título o nome do município: Roca Sales, Estrela, Bom Retiro do Sul, Colinas, Cruzeiro do Sul, Marques de Souza, Imigrante, Forquetinha, Taquari, Lajeado.

3.4 A Hora do Vale

Este veículo destina três páginas pra cobertura das enchentes (4, 5 e 6) intituladas Reportagem Especial. A primeira matéria “Calamidade” informa sobre o número de famílias desabrigadas na região, os municípios mais atingidos, o nível do rio, a falta de água e luz em algumas casas. Ao lado um box informa os níveis que o rio Taquari chegou desde 1940.

Na página 5 a matéria “Encantado com 450 famílias desabrigadas” dá início ao aprofundamento da situação de alguns municípios. Este tem destaque na

cobertura por ser o mais atingido. O relato informa o número de bairros e pessoas atingidas, com avaliação da Defesa Civil e relato de moradores comparando o comportamento das águas com acontecimentos semelhantes anteriores. Também as dificuldades dos moradores para retirar pertences, conseguir transporte, seus prejuízos financeiros e a recorrência da situação são tratados na matéria. Na capa, há uma foto com homens tentando salvar pertences e animais, sob a manchete “Emergência” (Figura 4). A segunda notícia desta página “Inundação divide Roca Sales” aborda o trabalho de voluntários da comunidade para ajudar moradores e vizinhos. Não explica o que gera o título (inundação do quê), mas por suposição deve ser o rio Taquari, que inundou ruas dividindo a cidade.

Figura 4 - Capa do jornal A Hora do Vale, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: A Hora do Vale

Na página 6 “O drama dos flagelados” trata da situação de cinco moradores afetados pela enchente, seus prejuízos econômicos, planos para o retorno para casa, a sorte de não haver vítimas, a fé, as estratégias que usam pra enfrentar o “drama” e, principalmente, a recorrência do acontecimento na vida deles. “Perdas na agricultura” relata a situação de produtores de Cruzeiro do Sul, baseada na interpretação de um engenheiro agrônomo. “Medo em Forquetinha” foca o relato de uma moradora que compara a enchente de 2011 com outra da década anterior.

Comparando-se as descrições, observa-se que *Zero Hora* usa três páginas para o que intitula Reportagem Especial, dividida em cinco abordagens que, apesar de salientar o drama nas manchetes, os relatos objetivam discursivamente a situação nas diferentes regiões do Estado. *O Correio do Povo* destina oito páginas para a cobertura, que se fragmenta em 28 abordagens (17 matérias informativas e 11 notas) distribuídas em três editorias, onde se detalha a situação nas diferentes regiões do Estado. *O Informativo do Vale* denomina a cobertura de Especial e destina sete páginas, nas quais são feitas 17 abordagens sobre o acontecimento das enchentes, com informações objetivas baseadas principalmente no relato do Executivo, da Defesa Civil e de moradores. Já no *A Hora* cinco abordagens inseridas em Reportagem Especial focam o drama dos flagelados, a partir dos municípios mais atingidos.

Zero Hora e *O Correio do Povo* focam diferentes municípios do estado que foram atingidos, o primeiro a partir de infográficos e o outro utilizando-se de relatos e fotos. *O Informativo do Vale* e o *A Hora* trazem informações dos municípios da região, ignorando a situação de outras regiões do Estado.

Zero Hora e *A Hora do Vale* optaram por uma cobertura mais enxuta, enquanto *Correio do Povo* e *O Informativo* usaram mais que o dobro de espaço, o que indica que não há um padrão regional ou estadual na cobertura.

4 Análise comparativa dos elementos da notícia

Manchetes

Zero Hora foca o drama, seu possível agravamento, morte, estrago, bloqueio de vias. Enfim, o drama se alastra, a água deixa rastros e a situação tende a se agravar. Com estas expressões as manchetes exploram o efeito estético de uma tragédia. O foco é urbano. Já o *Correio do Povo* ressalta a invasão das águas, os rios que sobem, a preparação para as cheias, alertas, a situação das rodovias e da área urbana, a previsão do tempo e os riscos. Famílias em perigo ou desabrigadas, desalojadas, atingidas por deslizamento e o caso de uma morte mesclam-se com situações de emergência, ações, falta de luz. Comparam-se acontecimentos semelhantes e, apesar

de abordar também reflexos para a produção rural, o foco é urbano.

Em *O Informativo do Vale* a síntese da situação expressa pelas manchetes informa que a enchente castiga. Esta expressão é usada também em uma legenda. As outras manchetes ressaltam a comparação com enchentes anteriores buscando identificar a maior de todas. Também se salientam nas manchetes a invasão das rodovias pelas águas e o corte no fornecimento de energia, situação de famílias desabrigadas e a situação de cada município atingido. *A Hora* evidencia o medo, o drama, a calamidade, a inundação, os desabrigados e os municípios atingidos. No seu conjunto, as manchetes dos quatro jornais ressaltam os sentidos do drama e do medo frente ao acontecimento e seus riscos. *O Informativo* salienta-se por atrelar o relato também ao sentido de castigo.

Imagem e legendas

Enquanto *Zero Hora* explora os infográficos em uma cobertura mais sintética da situação no Estado devido às possibilidades oferecidas por estes recursos, o *Correio do Povo* fragmenta a cobertura em um número maior de páginas e imagens, principalmente de pessoas e da situação de casas e ruas (Figura 6). Já nos jornais regionais a diferença que se observa é que a abordagem de *O Informativo* explora a estética do acontecimento, com fotos mais produzidas, e uma maior diversidade das situações fotografadas. Percebeu-se que os elementos imagéticos foram trabalhados de modo a explorar a poética, o que se observou com menor intensidade nos outros veículos (Figuras 3 e 4). *A Hora do Vale* é mais econômico no uso de imagens. Apenas o *Correio do Povo* e *O Informativo do Vale* focam também situações na área rural entre as imagens publicadas.

Em comum, todos os veículos constroem o acontecimento da enchente a partir de composições fotográficas que incluem barcos por ruas alagadas com pessoas sendo transportadas (Figuras 5, 6, 7 e 8) ou olhando a cena de destruição e alagamento de casas e prédios, tendo, eventualmente, a imagem de algum animal entre os moradores (Figuras 3, 4 e 6).

Quanto às legendas, observa-se que na *Zero Hora* e no *A Hora*, um estadual e outro regional, a tendência é publicar informações que complementam a imagem

fotografada. *O Correio do Povo* repete a informação da imagem e também complementa com dados sobre o local da cena, bairros atingidos e moradores desabrigados. Já o *Informativo do Vale* tende a repetir a informação expressa nas imagens.

Figura 5 - Foto de Niro de Souza na página 6 do jornal *Zero Hora*, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: *Zero Hora*

Figura 6 - Foto de Juremir Versetti na página 19 do jornal *Correio do Povo*, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: *Correio do Povo*

Figura 7 - Foto com crédito para redação A Hora na página 4 do jornal *A Hora do Vale*, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: *A Hora do Vale*

Figura 8 - Foto e gráfico na página 11 do jornal *O Informativo do Vale*, no dia 22 jul. 2011.



Fonte: *O Informativo do Vale*

Fontes

Moradores são fontes que aparecem em todos os veículos analisados. A Brigada Militar é fonte em dois veículos: *Zero Hora* e *Correio do Povo*, dois estaduais. A Polícia Rodoviária Federal e meteorologistas aparecem nos dois jornais estaduais e no *O Informativo do Vale*, regional. Fontes do Executivo só não estão explicitadas no regional *A Hora*, o qual faz toda a cobertura do acontecimento informando como fontes apenas a Defesa Civil e moradores. Além das fontes já citadas, o *Correio do Povo* entrevista ainda um gerente de usina hidrelétrica, bombeiros e funcionário do departamento de esgotos pluviais. *O Informativo do Vale* se utiliza também de empresas de energia como fonte, além de outros veículos de informação e voluntários que auxiliam as vítimas.

Assim, o *Correio do Povo* apresentou a maior diversidade de fontes, enquanto *A Hora* usou o menor número de fontes. *Correio do Povo* e *O Informativo do Vale* se igualam no uso de fontes. Apesar de não se igualar a estes dois veículos, *Zero Hora* também apresenta pluralidade de fontes nos relatos, o que está relacionado ao menor número de páginas destinadas à cobertura do acontecimento.

Enquadramento

Zero Hora foca a situação dos municípios mais atingidos (flagelados, nível do rio, situações vividas, previsão do tempo, situação das estradas). As manchetes salientam o drama, mas os casos dramáticos apenas ilustram a situação, não estão em primeiro plano nos relatos dos repórteres. O enquadramento é feito a partir do

drama comedido. Já o *Correio do Povo* relata situações em diferentes municípios do Estado utilizando-se de matérias que se complementam, referindo-se às regiões mais atingidas. Ocasionalmente um município recebe maior destaque por alguma situação: morte, área de risco, elevação rápida do rio. A cobertura caracteriza-se como fragmentada e inclusiva.

O *Informativo do Vale* mostra a situação geral dos municípios atingidos na região tendo como fonte o Executivo e alguns moradores, sem foco dramático, optando pelo relato objetivo da situação. No *A Hora* retrata-se basicamente o drama dos moradores.

Estes foram os dispositivos interpretativos predominantes identificados nas abordagens dos veículos analisados. Estes dispositivos referem-se a uma síntese do modo de construção do acontecimento, resultado de seleções e ênfases dadas pelos produtores de notícias, as quais são organizadoras dos discursos. Estes dispositivos simbólicos sugerem um modo de ler a realidade social, ofertando aos receptores “estórias” cotidianas.

5 Pistas de inclusão do receptor

Podem-se observar marcas da inclusão do receptor na notícia em algumas passagens das coberturas analisadas. Em *Zero Hora* entende-se que o receptor está inserido na informação quando se aborda a situação das estradas afetadas. No *Correio do Povo* ele é contemplado nas informações sobre a previsão do tempo e sobre locais mais afetados das estradas.

O *Informativo do Vale* inclui o receptor na cobertura já na chamada de capa quando informa que muitas fotografias foram enviadas por leitores, ressaltando essa interatividade. O leitor também é incluído no acontecimento na matéria que aponta como se pode ajudar os desabrigados, o que acontece apenas quando trata sobre Encantado, o município mais atingido. Ao entrevistarem um voluntário, indiretamente, incluem o receptor como alguém que pode ter a mesma iniciativa. O receptor também é contemplado nos relatos sobre a situação das estradas. No *A Hora* é incluído quando se aborda o trânsito nos municípios e o trabalho de

voluntários.

Ao se observar que os moradores são o único tipo de fonte que se repete em todos os veículos, entende-se que também aí há uma marca de inclusão do receptor, já que se pode trabalhar com a hipótese que há um movimento maior pela busca por informações midiáticas por quem é afetado pela enchente neste momento do que em situações não dramáticas. Trata-se, no entanto, de uma inclusão forçada pela própria natureza do acontecimento. Como relatar o drama dos moradores sem dar-lhes voz?

A partir da análise geral dos enquadramentos da enchente feita a partir dos jornais pode-se afirmar também que o receptor é construído simbolicamente pelos veículos como alguém que, para o jornal *Zero Hora*, se interessa pelo drama (o que as manchetes exploram), mas busca informações objetivas e de acesso rápido (daí o uso de infográficos). O *Correio do Povo* projeta um receptor que busca relatos detalhados das situações nas diferentes regiões do Estado, e quer visualizar imagens. Para *O Informativo do Vale* a situação geral dos municípios ofertada a partir de fontes oficiais e moradores que vivem a situação retratada é o que interessa ao receptor. Neste sentido, observa-se proximidade entre as gramáticas de produção do *Correio do Povo* e do *Informativo*, cada qual abordando sua área de abrangência: um o estado e o outro a região. *A Hora* constrói suas estórias explorando o drama dos moradores com dados imprecisos e incompletos, demonstrando pouca preocupação com o receptor. Deste modo, pode-se afirmar que há um grupo que busca um relato objetivo e outro que explora o drama. Um grupo que busca a precisão dos dados e outro que trabalha a informação de modo fragmentado.

Outro modo de perceber como o receptor é construído pode-se buscar analisando a proximidade dos relatos com o lugar geográfico que o leitor ocupa, pressupondo que ele não buscaria no veículo da sua cidade, região ou estado informações sobre outros contextos além de onde habita.

Portanto, os resultados apontam seis situações de inclusão do receptor, identificadas na análise que foi composta pela caracterização de seis elementos: espaço ocupado, manchetes, uso de fotos e legenda, fontes e enquadramentos.

Uma marca de inclusão do receptor se identifica quando os moradores e possíveis leitores dos veículos são incluídos como fonte a partir dos relatos dos

dramas vivenciados, o que não se observa na cobertura de outros tipos de acontecimentos, que tendem a privilegiar as fontes oficiais. Amaral (2011) analisou os discursos dos testemunhos e de *experts* dos deslizamentos de terra ocorridos na região serrana do Rio de Janeiro em 2011, tomando como base a cobertura em revistas semanais. Ele afirma que os testemunhos são fontes irregulares, informais, desorganizadas e raramente integram a agenda de fontes do jornalista, já que não é reconhecido pelo jornalista como uma fonte legítima por não ter um conhecimento instituído, mas tem valor de fonte pela experiência que pode relatar e, assim, exerce a função de pluralizar a informação jornalística, diminuindo o peso da fala oficial e hegemônica. Para o autor, os testemunhos não são chamados a contextualizar, explicar, avaliar ou propor sobre o tema noticiado, sendo-lhes interditas possibilidades de revolta, resistência e oposição. Estas tarefas cabem aos *experts*. Aos testemunhos cabe ilustrar, dramatizar e dar veracidade à notícia construída pelo jornalista, respondendo o quê, quem, quando e onde as coisas aconteceram. Já os *experts* respondem o como e o porquê dos acontecimentos.

Há inclusão do receptor quando se percebe a preocupação em buscar diversificar as fontes na cobertura de eventos como das enchentes, o que só não ocorreu em um dos jornais. Barros (2012, p. 144) afirma que o discurso da imprensa sobre ambiente reporta-se a concepções de atores sociais diversos e destaca aspectos diferentes, sendo um discurso condicionado por múltiplos fatores, o que caracteriza um “cenário político multinucleado”. Para este autor, “A diversificação dos atores sociais está diretamente relacionada com a complexificação do ambientalismo, numa perspectiva agregadora, apesar das incompatibilidades existentes, das disputas de interesses e por visibilidade.”

As fontes do jornalismo ambiental devem ser todos nós e a sua missão será sempre compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação sadia e duradoura entre o homem (e suas realizações) e o meio ambiente. (BUENO, 2007, p. 36).

O receptor é inserido no contexto do acontecimento quando há informação sobre a situação das estradas e da previsão do tempo. No caso de acontecimentos que impõem risco à vida (tragédias, enchentes, terremotos, etc.) o jornalismo preocupado com o cidadão oferta informações que objetivam evitar ou minimizar os desastres. Segundo Santos (2012, p. 8), “a comunicação é uma das ferramentas mais importantes na redução dos riscos.” Durante e após o acontecimento, esta postura do campo jornalístico evita uma cobertura dramática e repetitiva, esvaziada de interesse público, mesmo que os índices apontem que haja interesse do público sobre este tipo de relato. Santos (2012)² ressalta que a informação de qualidade possibilita processos de autogovernabilidade. A autora lembra que a organização e a mobilização comunitárias foram definitivas para a diferença no modo de enfrentamento de desastres entre o caso do terremoto seguido de tsunami no Japão em março de 2011 e os desmoronamentos da região serrana do Rio de Janeiro, em janeiro do mesmo ano.

Novamente identificou-se a marca de inclusão do receptor quando há publicação de fotografias dos leitores sobre os flagrantes que registraram. As distintas formas de inserção do leitor nas reportagens mostram uma tendência do campo jornalístico, com o receptor assumindo um papel mais ativo na construção do processo comunicacional, sobretudo com o advento das novas tecnologias. Se antes o percurso da comunicação de massa seguia um sentido unilateral, hoje os fluxos comunicacionais aparentam maior dinamicidade. Esse processo sociossemiótico de produção ganha maior relevância ao abordar uma tragédia que atinge, direta ou indiretamente, inúmeras esferas da sociedade. O desafio, portanto, é ir além da informação, mobilizando e fomentando o debate para que o acontecimento não se repita com as mesmas consequências. Manifestar estes usos de imagens de leitores ajuda a incorporar capital simbólico ao veículo.

O receptor é incluído também com a oferta de dados sobre o modo como o leitor pode auxiliar os atingidos pelas enchentes, em matérias que abordam o papel dos voluntários no salvamento das vítimas, ou como alguém que é afetado pelo cancelamento de alguns serviços. Este tipo de informação pode desencadear ações dos cidadãos. O papel da mídia é

[...] fundamental na construção do imaginário popular. As informações veiculadas pela imprensa, associadas aos interesses específicos de diferentes grupos, exercem um poder real para mudanças no curso da própria história, uma vez que ‘alimenta’ a mobilização pública ou os representantes dos diferentes poderes para legitimar atos ou ações, daí sua imensa responsabilidade social. (CALDAS et al., 2006, p. 9).

O enquadramento dramático observado nas manchetes aponta para um receptor imaginado, portanto incluído na cobertura, que se interessa por este tipo de relato. Quando os jornais fizeram uso desta estratégia identifica-se uma das cinco síndromes do jornalismo ambiental, conforme apontada por Bueno (2007): o da baleia encalhada, relativa à espetacularização das tragédias ambientais, com a procura do inusitado, do sensacional; com a perspectiva acrítica que contempla as tragédias, por exemplo, como fatos isolados, sem causas e consequências. Esta síndrome tem a marca de uma cobertura estática, sem investigação, pouco provocativa da comunicação pública.

Os locais e o aprofundamento dado ao relato dos acontecimentos também indicam uma maior ou menor preocupação com o receptor. Esta abordagem refere-se ao critério de noticiabilidade denominado proximidade, incorporado pelos jornais estaduais de forma a atender a necessidade de informação do receptor sobre outros municípios do Estado, o que não aconteceu com os veículos regionais, que informaram sobre a realidade próxima local, sem a contextualização do acontecimento. A cobertura informativa, em detrimento da interpretação e da investigação, que incorpora a problematização das múltiplas dimensões das questões ambientais, conforme análise dos autores deste artigo, é uma conclusão recorrente na diversidade de estudos sobre jornalismo ambiental apresentados em Congressos da Intercom de 2002 a 2012 e em artigos publicados em revistas com Qualis A1, A2 e B1 das Ciências Sociais Aplicadas.

O uso de infográficos localizando a situação de diferentes municípios do Estado, assim como o uso de negrito para identificar os municípios mais atingidos, o que se observou em um veículo, também aponta para um serviço ao receptor da informação, que visa facilitar sua leitura.

Por fim, em relação à inclusão do receptor, concordamos com Viegas (2004) quando levanta a hipótese que enquanto a mídia não incluir o receptor como parte do problema ambiental que trata não possibilita a governança ambiental, porque ele

não se percebe como corresponsável, não sente que as questões ambientais referem-se a um processo de responsabilidade compartilhada. Por governança ambiental entende-se o

[...] conceito segundo o qual a mobilização por mudanças visando a melhorias ambientais depende muito mais das respostas da sociedade do que unicamente das ações do governo por si mesmas [...] relacionado a uma conduta pessoal, cotidiana, ou que tenha um efeito sobre a história e a trajetória individual. (VIEGAS, 2004, p. 2).

Para Viegas (2004) a cobertura que não inclui o receptor desta forma deixa-o sentindo-se impotente, mero espectador, sem poder de decisão, sentindo-se fora do quadro em que o problema foi enquadrado pela mídia, não ajudando a elaborar um “como agir”.

6 Considerações finais

Apesar da identificação de alguns elementos de inclusão do receptor nas ofertas de notícias sobre as enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em 22 de julho de 2011, a análise da cobertura nos diários estaduais, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, e em dois jornais que circulam na região do Vale do Taquari, *O Informativo do Vale* e *A Hora do Vale*, aponta que elas foram pontuais e superficiais. Há pistas de inclusão do receptor deixadas intuitivamente na cobertura das enchentes, não se observando, entretanto, indicativos de um processo de governança ambiental a partir do campo jornalístico. Isto porque o receptor é mais espectador que ator diante da tragédia noticiada, já que de modo geral não há uma cobertura do acontecimento para além do episódio das cheias, as quais são decorrentes de problemas históricos, sociais, políticos, éticos e econômicos, dimensões não contextualizadas nas produções jornalísticas analisadas.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. Os Testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais. In: XX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (Compós), 20., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jun. 2011.

Disponível em:

<<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=1678>>.

Acesso em: 15 abr. 2013.

BARROS, Antônio Teixeira de. Estudos de jornalismo e ambiente: panorama comparativo Brasil-Portugal. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 24, n. 1, p. 140-158, jul. 2012. Disponível em:

<<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/184>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan/jun. 2007. Editora UFPR.

Anais... Disponível em: <<http://cbja-rio2011.com.br/1016/jornalismo-ambiental-explorando-alem-do-conceito.html>>. Acesso em: 15 abril 2013.

CALDAS, Graça et al. Água, mídia e poder: a construção do imaginário popular nos jornais da RMC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, set. 2006. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=44649>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

ESTEVES, João Pissarra. **Espaço público e democracia**: comunicação, processo de sentido e identidade social. São Leopoldo: Unisinos, 2003a

_____. **A Ética da comunicação e os media modernos**: legitimidade e poder nas sociedades complexas. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003b.

GITLIN, Todd. **The Whole world is watching**. Berkeley: University of California, 1980.

HALL, Stuart et al. A Produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson. (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1999. p. 224-248.

MAZZARINO, Jane M. ; FLÔRES, Vinicius dos Santos. Ofertas, marcas e a construção de vínculos com o receptor na produção jornalística sobre recursos hídricos. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES EM COMUNICACIÓN, 2012, Montevideo. **Anais...** Montevideo: ALAIC, maio 2012. GT Estudos sobre Periodismo. Disponível em:
<http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/ofertas_marcas_e_a_construcao_de_vinculos_com_o_receptor_na_producao_jornalistica_sobre_recursos_hidricos_jane_mazzarini_vinicius_dos_santos_flores_0.pdf> Acesso em: 15 abr. 2013.

RODRIGUES, Adriano. **Comunicação e cultura**. Lisboa: Presença, 1994.

SANTOS, Juliana Frandalozo Alves dos. A Importância do jornalismo de qualidade da redução de riscos e desastres. **Razón y Palabra**, n. 79, may/jul. 2012. Disponível em:
<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/11_Frandalozo_M79.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **O Poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 2000.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VIEGAS, Cláudia. Mudança climática fora do cotidiano: análise da cobertura de dois jornais num panorama de fragilidade da governança ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2004. Disponível em
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0931-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

Sociosemiotic framework in news about floods: the tie construction with the receptor.

Abstract: The general aim of this paper is to analyze the environmental practices in the journalistic field, identifying inclusion marks from the receptor in the news offer. The study object was the coverage given to the floods which occurred in the State of Rio Grande do Sul in July 22nd 2011. For these analyses were compared the journalistic speech published in the following daily journals: *Zero Hora* and *Correio do Povo* at State level, and *O Informativo do Vale* and *A Hora do Vale* in the regional level. The survey is qualitative, bibliographical and documentary. The data treatment was performed through a speech analysis from the sociosemiotic source. Despite the identification of some inclusion elements of the receptor in the news offer, we concluded it was result of an intuitive doing.

Keywords: Environmental journalism. Water resources. Printed journals. Sociosemiotic.

¹ Esta pesquisa conta com auxílio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs).

² A autora baseia-se em Margarita Villalobos Mora, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, e em documentos como o Manual de Planejamento da Defesa Civil e o Projeto Promoção da Cultura de Risco e Desastre – PCRD, produzidos pelo Ministério da Integração Nacional e Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Recebido: 31/05/2013
Publicado: 19/12/2013